



“SER PEQUENO NA CIDADE”: FRATURAS E DESVIOS DO ESPAÇO URBANO NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA

“SMALL IN THE CITY”: FRACTURES AND DISRUPTIONS OF THE URBAN SPACE
IN CHILDREN’S LITERATURE

Dulce Melão^{1*}

56

Resumo: Este artigo tem como objetivo indagar modos de ler fraturas e desvios do espaço urbano no livro-álbum *Siga a seta! Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas* (MARTINS, 2010). Alicerçada numa caminhada cujas linhas teóricas norteadoras contemplam acordes da distopia que reabrem contrastes entre o “espaço opressor” (BOLLNOW, 2019) e a “experiência poética do espaço” (PETIT, 2020), a reflexão realizada procura interrogar os seus desdobramentos e disrupções. Para tal, foram estabelecidos os seguintes objetivos: i) compreender o modo como a cidade pode ser redesenhada enquanto espaço velador de contrastes que se nutrem de fraturas germinadoras de poesia; ii) refletir sobre as consequências de tal reconfiguração espacial enquanto móbil instigador da participação dos leitores na reconstrução do tecido plurissignificativo da cidade; iii) demandar os limiares que o “espaço entre as setas” reconstrói, abrindo mobilidades de habitar a cidade, em plena liberdade. Conclui-se que, na obra analisada, a cidade se revela enquanto espaço multiplicador de espaços que ressoam para além da página, reconstituindo limiares que se alimentam do sonho e da dor, em acordes distópicos que fomentam o inesperado.

Palavras-chave: cidade; espaço; literatura para a infância.

Abstract: This paper aims to analyze the influence of space on The aim of this paper is to investigate ways of rereading fractures and disruptions of the urban space in the picturebook *Follow the arrow! An adventure (only for the brave) in the space between the arrows* (MARTINS, 2010). Grounded on an itinerary whose theoretical guiding lines contemplate chords of dystopia that reopen contrasts between the “oppressive space” (BOLLNOW, 2019) and the “poetic experience of space” (PETIT, 2020), the reflection undertaken seeks to interrogate its unfolding and disruptions. To this end, the following goals were established: i) to understand the way in which the city can be redesigned as a veiling space of contrasts that are nourished by fractures germinating poetry; ii) to reflect on the consequences of such spatial reconfiguration as an instigator motive of reader participation in the reconstruction of the plurisignification of the city; iii) to demand the thresholds that the “space between the arrows” reconstructs, opening mobilities of inhabiting the city, in full freedom. We conclude that, in the work analysed, the city reveals itself as a multiplying space of spaces that resonate beyond the page, reconstituting thresholds that feed on dream and pain, in dystopian chords that foster the unexpected.

Keywords: city; space; children’s literature.

* Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI. dulcemelao@esev.ipv.pt

INTRODUÇÃO

No conjunto de ensaios reunidos sob o título *Contrato sentimental*, Lídia Jorge (2009) consagra uma das reflexões – o oitavo capítulo – às cidades (em perene processo de metamorfoses) e instiga modos de as ler, com maior cuidado. A voragem dos dias que as cidades podem replicar exaustivamente, face à sua densidade populacional, prospera na revisão dos tempos que (talvez) nos vão escapando: “Nós vivemos a voar entre destino e destino. Os percursos medem-se em tempo, e o ritmo da vida fez desaparecer no nosso quotidiano a noção da distância em quilómetros, para os substituímos por minutagem” (JORGE, 2009, p. 134).

Mais recentemente, em *A cidade irascível* (RIBEIRO, 2018) João Manuel Ribeiro faz igualmente eco dos desalentos que podem permear a cidade no quotidiano: “(...) porque a noite agride a manhã/ porque o tráfego se amontoa nas ruas/ porque é de betão e ferro o deserto/ porque não há perfume de flores/ porque os passeios foram ocupados” (RIBEIRO, 2018, p. 4). Uma cidade que parece regozijar-se na instável celebração de recantos vazios que transbordam nos veios da contemporaneidade.

Os dois breves testemunhos aqui acolhidos – que se estenderão nas entrelinhas desta reflexão – dão, porventura, a ler, que caminhar, hoje, na cidade é um ato de resistência, sobretudo quando consente a descoberta de imprevistas visibilidades que nela se resguardam (talvez na espera da expansão dos olhares que aceitam a sua travessia).

No percurso apresentado, implicamo-nos em caminhar, com o protagonista da narrativa de *Siga a seta! Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas* (MARTINS, 2010), em busca de tessituras do espaço que se urdem no corpo da página que a cidade redesenha.



Escutar a jornada reconstruída através dos passos de um rapaz na cidade e atentar nos desdobramentos do espaço que a vai reestruturando em múltiplos veios de plurissignificação é, pois, o objetivo maior desta reflexão. A análise levada a cabo reencontra-se, ainda, nos seguintes objetivos: i) compreender o modo como a cidade pode ser redesenhada, no livro-álbum contemporâneo, como espaço velador de contrastes que se nutrem de fraturas germinadoras de poesia; iii) refletir sobre as consequências de tal reconfiguração espacial enquanto móbil instigador da participação dos leitores na reconstrução do tecido plurissignificativo da cidade; iii) demandar os limiões que o “espaço entre as setas” reconstrói, abrindo mobilidades de habitar a cidade, em plena liberdade.

Indagar as fraturas e os desvios que correm na cidade e a edificam em corpo de resistências e de conflitos, mas também de fluxos subterrâneos de poesia, augura aparente labor de simplicidades cuja complexidade procuraremos desvendar ao longo desta reflexão. Para tal, em primeiro lugar, é concedido breve destaque às entretelas da cidade na literatura para a infância, com particular enfoque no livro-álbum contemporâneo. A caminhada prossegue com uma proposta de itinerários peritextuais que (re)constroem a cidade e a dão a repensar, à luz dos pormenores que aí eclodem. Em terceiro lugar, a atenção foca-se nas fraturas e nos desvios que outros limiões alimentam e recriam, abrindo possibilidades de deslocamento que se refletem no mergulho produzido entre a “experiência poética do espaço” (PETIT, 2020) e as travessias do inóspito permanentemente visível e manuseado – na reescrita do “entre” reclamando, porventura, que “O fim é o princípio do avesso” (LETRIA, 2005, s/p).

Nas considerações finais, a cidade revela-se enquanto matéria-prima multiplicadora de espaços que ressoam para além da página, reconstituindo limiões que se alimentam do sonho e da dor, em acordes distópicos que metamorfoseiam a experiência da leitura em corpo de resistências que, apesar de tudo, fomenta alguns gestos de luz.

ENTRETELAS DA CIDADE NA LITERATURA PARA A INFÂNCIA

Múltiplas representações da cidade permeiam a literatura para a infância na contemporaneidade, convocando périplos de olhares que permitem distintas degustações do espaço. Face à sua diversidade, optamos por focar a nossa atenção em alguns exemplos que permeiam o livro-álbum, cuja reconhecida hibridez favorece tais deambulações. O critério que presidiu à seleção dos exemplos facultados encontra acolhimento: i) na versatilidade



exibida pelos livros-álbum; ii) nas minúcias dos espaços talhados na cidade, contribuindo para entrelaçar resistências e afetos.

No entretecer da luminosidade, o livro-álbum *Aqui estamos nós* (JEFFERS, 2018) instala uma reflexão profunda sobre modos de habitar o espaço e de o reconstruir, em prol do bem comum. Embora, no seu fulcro, a cidade surja como desdobramento de outras telas onde se redesenham traços da cidadania global,² na sua representação florescem deambulações que fustigam o olhar. Jeffers (2018) amplia na dupla página matizada de cores vibrantes uma cidade invadida pelo ruído dos transportes públicos – fruto de múltiplas intervenções humanas – cuja abundância ressoa no recorte do cotidiano apresentado. No entanto, permeando o ruído citadino de outras minúcias do olhar, Jeffers (2018) oferece aos leitores uma vista desafogada para um edifício onde eclodem micro espaços de afetividades, à janela (ora vislumbrando-se a silhueta de um casal que dança, ora perscrutando-se um menino que rega uma planta ou, ainda, um rosto iluminado por estrelas). Dos contrastes oferecidos renasce a esperança no futuro como gentileza partilhada.

Em *Ser pequeno na cidade*³ (SMITH, 2021), Smith fortalece mapeamentos possíveis da cidade através do olhar de uma criança, em distinta celebração da relação sensorialidade-espaço. Desta feita, os pormenores são reconstruídos em constelações de fragmentos de infância reverberados, primeiramente, na frase “Eu sei o que é ser pequeno na cidade” (SMITH, 2021, s/p). Multidões em movimento, edifícios desalinhados pelo seu caráter verticalmente ausente de originalidades reconstituem os traços fortes de uma cidade retratada, na primeira pessoa, pela criança que avança pelas ruas: “As pessoas não te veem, os barulhos podem ser ensurdecadores e, às vezes, é difícil saber o que fazer. Os táxis buzina. Ouvem-se sons de todos os lados. Nas obras, martelam, furam e escavam” (SMITH, 2021, s/p). A centralidade da cidade enquanto espaço hostil e descaracterizado imprime-se no olhar dos leitores, ganha aí lugar cativo e desperta reflexões renovadas sobre modos de resistência ao vazio, vivificado nas páginas do livro.

Com distintas tonalidades, mas tendo, igualmente, como protagonista uma criança, Ema, o livro-álbum *O jardim* (WALKER, 2021) reabre, diante dos leitores, diferentes costuras

² Neste contexto, “A cidadania global refere-se ao sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, social e cultural entre os níveis local, nacional e global” (UNESCO, 2016, p. 14).

³ Título que ganhou acolhimento no título deste artigo, pela inquieta pertinência que o percorre, nas múltiplas relações que estabelece com o espaço citadino.



da cidade, caracterizada pela primazia da ausência da natureza. Nos espaços delineados com delicadeza pela autora/ilustradora sobressaem as tonalidades cinza que os leitores vão recolhendo. As páginas nutrem-se da demanda pelo verde que o jardim transmutará, ao longo da narrativa. Sublinha-se, de novo, o caráter inóspito da cidade e os tempos monocórdicos ditados pelas opções de enquadramento espacial que condicionam a caminhada na urbe e instalam vazios que o mapeamento das ruas acelera. No final da narrativa, a cidade reergue-se enquanto manto de trilhos propiciadores do bem comum, pelas mãos da criança, através da centralidade da natureza no seu coração.

Em *A cidade dos animais*, Negrescolor (2017) dá a ler uma “cidade selvagem” ocupada pela natureza e pelos animais, primando pela ausência de seres humanos. Numa feliz inversão de sentidos, o rodopio da cidade faz-se da azáfama diária de tartarugas, flamingos, pelicanos, coelhos, serpentes, etc. Nina, uma menina que gosta de ir ao seu reencontro, é o elo que reúne o que todos têm em comum: gostar de ler – e assim, quando chega para ler uma história “(...) todos se aconchegam para escutá-la” (NEGRESCOLOR, 2017, s/p). Os leitores reaprendem, porventura, serenidades perdidas e, nas ruas da cidade que a natureza invadiu, ficam sepultadas marcas da civilização – automóveis e motos abandonados, objetos perdidos – que ostentam vislumbres da representação de outras cidades e propiciam reflexões sobre o futuro em comum.

Siga a seta! Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas (MARTINS, 2010) afirma-se, por seu turno, como espaço de indagação da leitura enquanto mobilidade de resistências em ritmos acelerados. A “Cidade das setas” ganha aí centralidade e desvela-se em facetas em que se multiplica o regime ditatorial vigente, alicerçado numa comissão de especialistas que periodicamente se reúne para “inventar novas setas para a cidade” (MARTINS, 2010, s/p). Assim, “Estivessem em casa ou estivessem na rua, as pessoas encontravam sempre uma seta que lhes dizia exatamente para onde ir e o que fazer a seguir” (MARTINS, 2010, s/p). Da feliz desordem que a curiosidade de um rapaz instila na narrativa – quebrando as ordens instaladas – renascem amplos veios plurissignificativos que possibilitam o entrelaçamento de representações e experiências da cidade na leitura e vice-versa. Estas serão alvo de atenção nas seções seguintes, através de propostas de análise de itinerários peritextuais e de outros limiares que estruturam o espaço e o reconfiguram, em intervalos que acolhem travessias da delicadeza e do caos.



ITINERÁRIOS PERITEXTUAIS

Tal como a língua que, em permanentes desvios, vai adquirindo novos rumos que ganham corpo através dos caminhos que percorre, a cidade reverbera quotidianos, renovando-se. De tal dá testemunho o livro-álbum *Siga a seta! Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas* (Martins, 2010). Como indicia a breve apresentação que os leitores encontram na contracapa do livro, trata-se de uma narrativa peculiar na qual se reencontram: “Uma cidade repleta de setas, indicações e sentidos obrigatórios. Um rapaz que vive os seus dias entre setas, nunca ousando desviar-se do seu rumo. E uma ideia revolucionária que lhe invade os pensamentos e o faz, certo dia, aventurar-se” (MARTINS, 2010, s/p).

No percurso peritextual que o olhar dos leitores é convidado a seguir, a obrigatoriedade caudalosa e fraturante ditada pelo ritmo pulsante das setas fere os sentidos. Tal sucede, numa primeira instância, na capa e na contracapa do livro-álbum, através do clamor da ordem vociferada, sobretudo, no título: *Siga a seta!* O subtítulo complementa a breve teia plurissignificativa, acrescentando-lhe relevo: “Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas” – primeira tela de abertura de desdobramento espacial fraturante que augura outros caminhos. A brevidade do verde pincelada na capa – lugar de estremecimento do olhar – alimenta ausências. O traço fortemente azul que redesenha os alicerces da cidade configura robustos desdobramentos dos seus quotidianos.

As guardas iniciais e finais (marcadas por uma plêiade de setas de múltiplos formatos que fornecem uma pluralidade de indicações) abafam os edifícios de carácter geométrico da cidade. A presença do ruído nutre-se da ausência humana, igualmente soante nas páginas de rosto do livro. Em tal lugar, a sinuosidade das setas que o olhar dos leitores retém, multiplica as dificuldades de seleccionar caminhos – alicerçada pelo contraste que alimentam no espaço da página, face ao seu posicionamento (no canto superior direito e no canto inferior esquerdo, respetivamente). Fraturas do espaço embarcam no olhar que sucumbe no caos da cidade, espaço opressor pelas inúmeras perdas que convoca – bem como as que, nas entrelinhas, replicam desvios.

OUTROS LIMIARES – NO REDESENHO DA CIDADE

Como sublinha Sotto Mayor (2016, p. 328) “Nos livros-álbum todos os elementos contam, literal e metaforicamente”. No livro-álbum em análise merecem atenção os limiares



enquanto telas que se reinstalam não só no transbordar da dupla página, mas também se disseminam entre o espaço urbano, possibilitando vivenciá-lo enquanto poesia em deslocamento, a par do cariz devastador que nele ganha raízes e prolifera.

A semântica da cor recebe particular acolhimento em tais desdobramentos e contribui para reconfigurar o caráter inóspito do tecido urbano. Como refere Borges Filho (2007) efeitos de sentido importantes podem manifestar-se na relação gradientes sensoriais-espaço, sendo a cor relevante na caracterização da espacialidade. Neste caso, a opção cromática predominante – o azul – reforça, desde logo, o caráter opressor da Cidade das Setas dominada, em permanência, pela obrigatoriedade do prosseguimento de caminhos ditados, a uma só voz, pelo poder vigente (representado por uma Comissão de especialistas que renova a par e passo, na cidade, o uso de setas, ferindo as páginas do livro-álbum).

Como destaca Pastoureau (2016) – no belo e exaustivo livro que dedica ao azul – “(...) a cor não é tanto um fenómeno cultural quanto uma construção cultural complexa, rebelde de qualquer generalização” (PASTOUREAU, 2016, p. 5). Assim, embora na cultura ocidental haja um consenso em torno da cor azul, sendo-lhe associados aspetos positivos – simboliza, frequentemente, o céu, o mar, o infinito, sendo a musicalidade da palavra “(...) doce, agradável, líquida” (PASTOUREAU, 2016, p. 198) – neste livro-álbum contribui para o redesenho da construção de um espaço eivado da ausência de liberdade e generosidade. Possibilita, também, acentuar uma relação ferozmente triste com os seus habitantes – a quem é imposto um trilho de sentido obrigatório (que os priva de ser e de estar no mundo com serenidade). Para tal apontam, de modo claro, as instruções facultadas no início da narrativa, estruturando a cidade enquanto espaço fechado e corrosivo. Assim, expressões como “Siga em frente!”, “Agora por aqui...”, “Vire à esquerda” ou “Sentido único” (MARTINS, 2010, s/p) plasmam-se na entretela da cidade – expandindo-se, também, por via da explosão de setas que a ilustração acolhe, nos seus limiares. Em tais sentidos se recriam espaços eivados de dores imbricadas na ausência de liberdade: “Todos sabiam o seu rumo e não havia sobressaltos” (MARTINS, 2010, s/d). Como nos recorda Alberto Caeiro: “Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,/Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe/de todo o céu/Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos/olhos nos podem dar” (CAEIRO, 2012, p. 19). Esta condição da cidade que oprime é encarada por Onfray (2019) enquanto aspeto inerente ao “horário laborioso da civilização” (ONFRAY, 2019, p. 17) que, de modo inexorável, a permeia:



A cidade obriga ao sedentarismo legível graças a uma abscissa espacial e a um ordenamento temporal: estar num determinado lugar num preciso momento. Deste modo, o indivíduo é controlado e facilmente localizado por uma autoridade. O nómada, por seu lado, recusa esta lógica que permite transformar o tempo em dinheiro e a energia singular, o único bem do qual dispomos, em moeda viva (ONFRAY, 2019, p. 18).

A fratura ocorre, de súbito, no espaço inóspito citadino, através da questão colocada por via de um “pensamento esquisito” do protagonista da narrativa – um rapaz que vivia na Cidade das Setas: “O pensamento do rapaz segredava-lhe lá por dentro: o que haverá no espaço entre as setas?” (MARTINS, 2010, s/p). Tal demanda passará a ter palco maior no tecido urbano, aí eclodindo de diferentes modos que merecem atenção. Em primeiro lugar, pelo apelo lançado por um pequeno buraco que o rapaz avista no muro mesmo em frente ao prédio onde mora. Vencido pela curiosidade, descobre que “do lado de lá (...) havia coisas no espaço entre as setas. E ainda por cima coisas inesperadas que ninguém parecia ver ou ouvir na sua estranha cidade” (MARTINS, 2010, s/p). Esta inusitada descoberta abre na dupla página, através do olhar do rapaz, uma brecha de deleite em plena cidade, vislumbrando-se um urso a tocar piano, com extraordinária delicadeza. Alterações cromáticas permeiam, de súbito, o espaço, conferindo-lhe um caráter insólito vivificado através de constelações de sentidos: o azul metamorfoseia-se em mar e o contraste com o laranja dá alento à proliferação de sonhos. Embora a visão seja o órgão de sentido aqui mais exercitado, também a audição e o tato ganham destaque. O primeiro, pelo rumor da língua que atravessa a ilustração; o segundo, pelas mãos dos leitores que procuram o apelo ameno da textura da página, no acordar da imaginação. Na obra *Seis passeios nos bosques da ficção*, Eco (2019) refere o “tempo da insinuação”, bem como a importância da existência de “tempo para nos perdermos” (ECO, 2019, p. 84). Na tela apresentada surge, em nosso entender, o entrelaçamento entre espaço e tempo, na medida em que é aberta uma fratura temporal que abriga espaços concomitantemente de insinuação e de perda. O que é dado a ver possibilita aos leitores reinscreverem-se num espaço que estrutura mobilidades da promessa da liberdade (antes ausentes na narrativa). Assim, “Sempre que via um intervalo convidativo, o rapaz partia à aventura” (MARTINS, 2010, s/p).

Em distinto espaço, na senda de tal busca, uma praia – inesperadamente encontrada no percurso realizado pelo rapaz em dia de chuva – dissolve-se em tons cinza e castanho-



claro, misto de aliança breve entre céu e terra que promete, também, gestos de liberdade. O seu caráter amplo convive, porém, com a inacessibilidade; esta é vincada, ao ser desvelado que "(...) infelizmente, as setas só indicavam "Praia" nos dias de verão" (MARTINS, 2010, s/p), o que reitera a interdição vigente de trilhar caminhos autônomos na cidade (isto é, onde possa repousar um olhar inaugural plasmado de sede de redescobertas).

Como frisam Antunes e Coelho (2021, p. 161), "A caminhada pode ser transgressiva, ultrapassando fronteiras, na intenção de aceder a territórios privados, proibidos". A experiência da caminhada pela cidade – (a)ventura da promessa do inusitado, o "espaço entre as setas" (MARTINS, 2010, s/p) – revela, ainda, ao rapaz, mapeamentos de travessias da escuta de outras vozes que nele ecoam. As consequências da queda num buraco (enquanto resultado da exploração da cidade), e o facto de se ter magoado numa perna, possibilitam abrir diante dos leitores uma entretela espacial que dispara sentidos na dupla página. Atentemos, em primeiro lugar na opção cromática selecionada, modo particular de estruturação do espaço alvo de reflexão – o subsolo da cidade. Neste, o vermelho ganha palco e inunda o olhar, pulsando movimentos descendentes e permite conferir ao espaço um pujante caráter multifacetado. Como referem Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 686), o vermelho é "(...) universalmente considerado como símbolo fundamental do princípio de vida, com a sua força, o seu poder e o seu brilho".

Entre o vermelho que agita o olhar, o subsolo da cidade revela-se eivado de texturas porosas a clamar atenção. Recordamos, com Calvino (2009, p. 63): "Só depois de ter conhecido a superfície das coisas (...) nos podemos aventurar a procurar o que está por baixo. Mas a superfície das coisas é inesgotável". Os leitores são aqui chamados a apreciar fluxos subterrâneos que convocam conotações espaciais de vária ordem, em gestos delicados. Do lado esquerdo da dupla página o foco é colocado: i) na relação entre a superfície das coisas e no modo como desnuda realidades múltiplas; ii) no interior de uma habitação no subsolo, onde mora "(...) uma velha raposa que serve chá e bolinhos ao rapaz" (MARTINS, 2010, s/p), auxiliando-o a recuperar.

No primeiro caso, a relação a que aludimos fica expressa por via do olhar, marulhando na ilustração: à superfície, um arbusto apoia-se na rua da cidade onde prospera; no subsolo, as suas raízes, destacadas a branco, ramificam-se em várias direções. Fluindo na sua diversidade, faz eco de uma conceptualização rizomática reveladora de multiplicidades, pois:



“(...) um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, inter-ser, intermezzo” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, s/p).

A corroborar tal plêiade de sentidos, a habitação da raposa vela surpreendentes acolhimentos. Os detalhes dados a ver aos leitores, na sala que os transborda – do papel de parede azul e vermelho, aos retratos dos familiares da raposa pendurados nas paredes e às duas canecas colocadas, lado a lado, na pequena mesa que as abriga – espelham o cuidado como força motriz estruturadora do espaço, na harmonia regenerada. Como relembra Mia Couto, “(...) casa não é coisa para ter mas para ser” (COUTO, 2014, p. 135).

As redescobertas do “espaço entre as setas” são instigadoras de mudança, no alento dos espantos aí conglomerados. Nesse sentido, o rapaz toma em suas mãos a decisão de “trocar as voltas à cidade” (MARTINS, 2010, s/p), retirando setas dos seus lugares habituais e virando outras ao contrário, em movimentos de transgressão solicitados pela liberdade individual e pelo compromisso com o bem comum. Embora muitas pessoas não se revissem na mudança operada, resistindo ao abandono das rotinas há muito exigidas pelo regime vigente, “(...) foram a lugares onde nunca tinham estado, conheceram pessoas que não imaginavam existir, fizeram, tal como o rapaz, pequenas e grandes descobertas (todas elas incríveis), nos espaços novos que iam descobrindo pelas ruas da cidade” (MARTINS, 2010, s/p).

Reestruturando-se, pois, enquanto força maior de resistência à opressão, o espaço conquistado “nos intervalos entre as setas” impõe-se na hospitalidade que o tecido urbano pode conciliar, em entretela de redescobrimientos germinadores da harmonia que apenas a partilha consente. Uma partilha costurada na diferença, tal como a dá a ler Daniel Faria: “A diferença é a única coisa que vale (...) só se vive comunitariamente” (FARIA, 2019, p. 64). Nesse sentido, o espaço entre as setas reconstrói gestos de generosidade tornados limiares que, como recorda Stavrides (2021, p. 114), “(...) simbolizam, explicitamente, a potencialidade da partilha ao estabelecerem zonas intermédias de travessia, ao abrirem o interior ao exterior”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem realizada procurou lançar luz sobre novos modos de reencontrar a cidade, nomeadamente nos percursos entre espaços que a revisão do entrelaçamento da narrativa nas ilustrações proporcionou. Tais percursos possibilitaram descortinar modos de



resistência à voragem do vazio disfórico que a cidade retratada desvelou e ampliam, pelos contrastes desenhados nas páginas – bem como no transbordamento dos seus limiares – uma experiência poética do espaço que ressoa nos olhos, nas mãos e nos ouvidos dos leitores. Como recorda Rubem Alves (2017, p. 106): “As coisas extremamente simples encontram um lugar imortal no coração”.

Em *Siga a seta! Uma aventura (só para corajosos) no espaço entre as setas* (MARTINS, 2010) é vasto o apelo a caminhar pela “Cidade das setas” em processos de escuta ativa que implicam considerar não apenas uma linearidade fria e cerrada (que os edifícios, rodeados de setas, não param de vociferar) mas, sobretudo, a fecundidade do “espaço entre setas” – indiciado no subtítulo deste livro-álbum. Entretela felizmente plural, reconfigura, pois, em nosso entender, redimensionamentos da cidadania global, munindo-se do caráter de resistência que o acolhimento do Outro convoca e possibilita. Dá ainda testemunho de que “É urgente transfigurar a cidade/ transgredir os sentidos obrigatórios/ abrir avenidas de liberdade” (RIBEIRO, 2018, p. 68). Tais avenidas, eivadas de desvios e de fraturas, poderão conglomerar o cariz transformador que o exercício de cidadania instiga.

Importa, ainda, não esquecer – talvez hoje mais do que nunca – que

As cidades são como os seres humanos: têm um corpo e uma alma. Talvez muitas almas porque o corpo é um albergue onde moram muitas almas, todas diferentes em ideias e sentimentos, todas com a mesma cara. O corpo das cidades são as ruas, as praças, os carros, as lojas, os bancos, os escritórios, as fábricas, as coisas materiais. A alma, pelo contrário, são os pensamentos e os sentimentos dos que nela moram (ALVES, 2017, p. 54)

Os pensamentos e sentimentos a que alude Alves (2017) vão-se desvelando através da imbricação do protagonista da narrativa no tecido urbano, possibilitando a estruturação do espaço esculpido através do seu olhar, manto plurissignificativo de promessas (entretécidas de liberdade por vir). Nelas se pode encontrar refrigério para outras caminhadas.

Em tempos de pandemia e de confinamentos, os leitores podem reconhecer-se nos percursos de aridez corrosiva que o livro-álbum dá a ler, em múltiplas indicações impressas na cidade e nos espaços interiores que a prolongam. Como sustentam Antunes e Coelho (2021, p. 168), “A cidade também nos constrói (...) um percurso são milhares de trajetórias calculadas, choques evitados por uma comunicação silenciosa em tempo real, dança de



corpos comunicantes e improvisadores na rua”. Acrescentamos, ainda, que essa demanda se detalha, ao longo da narrativa analisada, nos inacabamentos que permitem reconstruir uma ampla fluidez do olhar – por via da reconfiguração espacial – que se metamorfoseia em tato (quando abriga a minúcia das brevidades do espanto).

Talvez, então, o “espaço entre as setas” que reverbera no livro e fora dele tenha um caráter singularmente diverso de redescoberta inaugural que as partituras de luz restauradas nas suas entrelinhas dão a ver aos leitores. Tal vez proclame e reclame “uma aprendizagem de desaprender” (CAEIRO, 2012, p. 37) que, porventura esquecida no caos das amarras e da correria do cotidiano que as exige, resiste, ainda, no “quase” que a cidade nos dá a respirar (espaço primordial que a transforma indelevelmente). Aí, de novo, entreaberto, o rumor da língua: “As palavras só fazem sentido quando nos ajudam a ver melhor o mundo. Aprendemos palavras para melhorar os olhos” (ALVES, 2017, p. 123). Quando reaprendermos os olhos, poderemos, enfim, recriar a cidade e – ainda que por uma vez – ousarmos acreditar que, apesar dos mergulhos temporais intensos reivindicados por desafios perenes, “(...) o sonho nunca tem pressa” (COUTO, 2014, p. 126).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem (2017). *Ostra feliz não faz pérolas*. Barcarena: Mercador Editora.
- ANTUNES, Rui Filipe & COELHO, Sofia Pinto (2021). Sobre caminhar em confinamento. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 8 (1), 155-173.
- BOLLNOW, Otto Friedrich (2019). *O homem e o espaço*. Curitiba Editora: Universidade Federal do Paraná.
- BORGES FILHO, Ozíris (2007). Espaço e literatura. Introdução à toponálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica Editora.
- CALVINO, Italo (2009). *Palomar*. Lisboa: Editorial Presença.
- CAEIRO, Alberto (2012). *Poemas*. Lisboa: Bertrand.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alan (1994). *Dicionário de símbolos*. Lisboa: Teorema.
- COUTO, Mia (2014). *Vagas e lumes*. Alfragide: Editorial Caminho.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix (1995). *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- ECO, Umberto (2019). *Seis passeios nos bosques da ficção*. Lisboa: Gradiva.
- FARIA, Daniel (2019). *O livro do Joaquim*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- JEFFERS, Oliver (2018). *Aqui estamos nós*. Lisboa: Orfeu Negro.
- JORGE, Lídia (2009). *Contrato sentimental*. Lisboa: Sextante Editora.



- LETRIA, José Jorge (2005). *Letras & Letrias*. Ilustrações de André Letria. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- MARTINS, Isabel Minhós (2010). *Siga a seta!* Ilustrações de Andrés Sandoval. Carcavelos: Planeta Tangerina.
- NEGRESCOLOR, Joan (2017). *A cidade dos animais*. Lisboa: Orfeu Negro.
- ONFRAY, Michel (2019). *Teoria da viagem. Uma poética da geografia*, 2.^a edição. Lisboa: Quetzal Editores.
- PASTOUREAU, Michel (2016). *Azul. História de uma cor*. Lisboa: Orfeu Negro.
- PETIT, Michèle (2020). *Ler o mundo*. Matosinhos: Kalandraka.
- RIBEIRO, João Manuel (2018). *A cidade irascível*. Porto: Busílis.
- SMITH, Sydney (2021). *Ser pequeno na cidade*. Amadora: Fábula.
- SOTTO MAYOR, Gabriela (2016). *Ilustração de livros de LIJ em Portugal na primeira década do século XXI. Caracterização, tipificação e tendências*. Porto: Tropelias & Companhia.
- STAVRIDES, Stavros (2021). *Espaço comum*. Lisboa: Orfeu Negro.
- UNESCO (2016). *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.
- WALKER, Anna (2021). *O jardim*. Amadora: Fábula.

Recebido: 17/03/2022

Aprovado: 10/04/2022

